

Representações de Gênero no Cinema: uma análise das mulheres jornalistas em posições de liderança¹

Ester Costa e Silva Macedo²

Ana Lúcia Barbosa Moraes³

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO

Este artigo analisa as representações de mulheres jornalistas em cargos de liderança no cinema, investigando como essas representações reproduzem estereótipos de gênero presentes na sociedade. Através da análise de três filmes, *A Dama de Preto* (1952), *Nos Bastidores da Notícia* (1987) e *O Diabo Veste Prada* (2006), este estudo examina os padrões narrativos que caracterizam as protagonistas femininas em posições de poder. A pesquisa utiliza a metodologia descritiva e a análise fílmica, fundamentada em estudos sobre gênero e cinema. Os resultados revelam um padrão recorrente de masculinização da liderança e o conflito entre ascensão profissional e realização romântica. O estudo contribui para a compreensão das representações midiáticas de gênero e sua influência na construção do imaginário social sobre mulheres no mercado de trabalho.

PALAVRAS-CHAVE

Jornalismo; Cinema; Mulher; Liderança; Representações.

INTRODUÇÃO

A feminização do jornalismo vem se dando juntamente com o aumento da profissionalização e da precarização das relações e condições de trabalho da categoria, aliadas a um processo interno de segmentação da profissão. Contudo, como em outras profissões, um maior número de mulheres não significou incremento proporcional desse gênero nas altas posições das hierarquias profissionais, em que o acesso ao poder é estruturado pelo gênero (Lombardi, 2017, p. 11).

O Brasil é um grande exemplo dessa desigualdade, pois no resultado do censo demográfico mais recente do IBGE (2022), as mulheres são mais da metade da população, entretanto, mesmo elas tendo maior escolaridade que os homens, ainda enfrentam obstáculos para ocuparem posições de comando, segundo dados do Enap (2020).

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Comunicação e Interfaces, da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, email: esterjornalcosta@gmail.com

³ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Comunicação Social do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, email: ana.lucia.moraes@ufrn.br

Segundo pesquisa feita pelo Reuters Institute (2025), que analisou 240 veículos de notícias em 12 países, 40% das pessoas que trabalham com jornalismo são mulheres, entretanto, apenas 27% ocupam cargos de chefia editorial. A falta de mulheres na liderança levanta questões sobre as barreiras que as impedem de ascender a posições de poder e influência nas redações.

Nesse cenário, o cinema pode ser explorado como um campo de replicação do real, mas também de criação de uma nova realidade. Oliveira, Nogueira e Reis (2010) consideram o cinema a “sétima arte” que pode mesclar realidade e ficção, sendo híbrida, transitando entre as várias linguagens e diferentes setores das sociedades.

Segundo Travancas (2001) “o cinema ajudou a construir mitos, a divulgar saberes novos [...] como foi o caso da empresa e do jornalista”. Neste sentido, os filmes *A Dama de Preto* (1952), *Nos Bastidores da Notícia* (1987) e *O Diabo Veste Prada* (2006) oferecem uma representação dessa feminização das redações, evidenciando protagonistas que alcançam cargos de liderança, mas cuja ascensão profissional entra em conflito com o arco de redenção da personagem que depende de suas relações amorosas com um homem. Tais narrativas permitem que se levante a hipótese de que nesses filmes podemos ver os estereótipos com os quais as mulheres se veem confrontadas na carreira jornalística.

METODOLOGIA

Recorremos à metodologia descritiva e à revisão teórica, com o objetivo de analisar representações sociais no cinema, mais especificamente as figuras de jornalistas a partir de um recorte de gênero. De acordo com Gil (2002), a pesquisa descritiva objetiva “a descrição das características de determinada população ou fenômeno [...], salientam-se aquelas que têm por objetivo estudar as características de um grupo”. No caso da pesquisa bibliográfica, Gil (2002) conceitua como aquela que tem como base materiais já elaborados, como livros e artigos científicos.

Tais abordagens se mostram adequadas para compreender como o cinema constrói e reproduz imagens específicas de jornalistas, observando os elementos simbólicos e narrativos que sustentam essas representações. A análise foca na identificação de padrões, estereótipos e discursos que perpassam tais construções cinematográficas, considerando as relações de gênero como recorte.

Dessa forma, foram assistidos três filmes que tinham no enredo principal mulheres em cargos de liderança no jornalismo. Começando com o mais antigo, *A Dama de Preto* (1952), dirigido por Samuel Fuller; *O Diabo Veste Prada* (2006), dirigido por David Frankel; e o *Nos Bastidores da Notícia* (1987), dirigido por James L. Brooks. Durante a análise, buscamos identificar os padrões e semelhanças presentes nas representações.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Paula (2007), durante o século XX, ocorreu uma ascensão da política das representações de gêneros, “por meio da inserção da mulher na vida pública e da propagação dos meios de comunicação de massa”. A autora ainda acrescenta que no cinema, as representações femininas demandam uma certa aparência física, justamente para fazer parte de um sistema dominado pelo olhar masculino.

Na ficção – assim como a expectativa que se tem em relação à realidade – à mulher – representada na personagem feminina – é destinado um final no qual ela é posta no lugar determinado pela lógica patriarcal: servir como prêmio ao herói ou receber uma morte nobre de autossacrifício ou, ainda, caso tenha se desviado nas normas de conduta feminina, ser punida com um castigo adequado e, portanto, exemplar (Berger, 2002).

Viana (2016) explica que mesmo com a presença de mulheres em todos os veículos de comunicação, a maioria dos casos corresponde a uma visão masculina sobre as mulheres. “Desta forma, a produção cultural reproduz a perspectiva masculina e patriarcal de mundo, quase sempre repleta de estereótipos, preconceitos e desigualdades” (Viana, 2016).

No mundo real, a presença crescente de mulheres no jornalismo tem ocorrido paralelamente à intensificação da profissionalização e à precarização das condições e relações de trabalho na área, além de estar ligada a um processo interno de segmentação da profissão. No entanto, assim como em outras ocupações, Lombardi (2017, p. 11) explica que o aumento do número de mulheres na profissão não se traduziu em uma presença proporcional nos cargos mais altos das hierarquias profissionais.

Mourão (2006) concluiu em sua pesquisa que fatores como maior qualidade de vida, homens que escolhem homens para postos de poder e as dificuldades e falta de estímulo organizacional são as principais causas de impedimento de um maior número de mulheres na chefia.

Nesse sentido, as mulheres que visam um cargo de liderança passam por uma masculinização do trabalho. Leite (2017) comenta que isso:

Implica, para as mulheres, ter uma chance de ter uma carreira bem-sucedida nessa profissão, o que pode gerar alguns benefícios. Nesse raciocínio, ao se comportar como um homem, apagando sua marca distintiva, a mulher torna-se uma super funcionária” (Leite, 2017, p. 65)

Nas filmes, os jornalistas em geral são representados como: “aventureiros, defensores dos fracos, íntimos dos poderosos, solitários, trabalhadores sem horários, nômades por dever do ofício, detentores de segredos, pessimistas quanto à redenção da humanidade, companheiros da noite” (Berger, 2002, p. 30). Levando-se em consideração os adjetivos que caracterizam os profissionais dessa área, podemos entender que estes são pensados quase que exclusivamente para homens, porque na sociedade machista e capitalista uma mulher que é mãe não pode ser uma trabalhadora sem horários, por exemplo, ou uma nômade por dever do ofício.

Na pesquisa feita por Leite (2017), a redação vem tendo um novo perfil de jornalista, “nos últimos anos, o grupo tornou-se mais segmentado, jovem, feminino, diplomado, pós-graduado, precário e autônomo”. Sendo o crescimento um dos aumentos mais significativos na área da mídia nos últimos anos.

Entretanto, a autora repara que além das dificuldades de desigualdade salarial e machismo, a maternidade é o maior agravante da dificuldade de ascensão das mulheres profissionalmente. Uma das entrevistadas na pesquisa, jornalista e mãe, relatou que precisou anular a condição de mulher enquanto gestava, “buscou apagar suas marcas que diferenciavam dos homens e das outras mulheres sem filhos”, além de trabalhar até o nono mês de gestação.

No mesmo cenário, a tendência de masculinização da gestão vem crescendo entre as mulheres, pois muitas precisam se moldar ou personificar um papel de liderança mais tradicional para manter sua autoridade em situações de crise, por exemplo, ou terá seu papel questionado dentro da organização (Hryniewicz; Vianna, 2018).

Podemos ver exemplos semelhantes nos filmes analisados. Em *O Diabo Veste Prada*, a personagem Andrea, em um diálogo com uma personagem que é designer na revista *Runway*, questiona se ele a acharia tão difícil e tirana caso ela fosse um homem.

“Ela é difícil, mas se ela fosse um homem, todos diriam que ela é ótima no que faz”, foi a resposta de Andrea (O Diabo Veste Prada, 2006).

Ainda de acordo com Berger (2002), é recorrente no cinema a representação da mulher como recompensa ao herói, configurando uma lógica narrativa que subordina personagens femininas ao protagonismo masculino. Tal construção simbólica se repete nos filmes analisados, pois da mesma forma que Charity Hackett, em *A Dama de Preto*, acaba renunciando à sua carreira para assumir o lugar de interesse romântico do protagonista, Andrea Sachs, em *O Diabo Veste Prada* (2006), deixa a sua carreira promissora no mundo do editorial de moda para resgatar o seu relacionamento.

ANÁLISE

O filme *A Dama de Preto* (Park Row, 1952), dirigido e roteirizado pelo norte-americano Samuel Fuller, oferece uma representação crítica da imprensa dos Estados Unidos ao evidenciar disputas editoriais, conflitos éticos e a dinâmica de poder entre veículos jornalísticos. A narrativa tem início com a demissão de Phineas Mitchell (Gene Evans) do jornal *The Star*, o que o leva a fundar seu próprio periódico, o *The Globe*, em um gesto de resistência aos grandes conglomerados de mídia sediados na rua Park Row.

A personagem Charity Hackett (Mary Welch), diretora do *The Star*, surge como antagonista ao representar uma gestão voltada exclusivamente para o lucro e o sensacionalismo, em contraste com o projeto idealista de Mitchell. A rivalidade entre os dois jornais é atravessada por tensões afetivas entre os protagonistas, culminando em um desfecho em que Hackett renuncia a seu cargo em nome de uma reconciliação romântica. Tal resolução suscita questionamentos sobre o papel da mulher na liderança midiática e a forma como figuras femininas são representadas no cinema clássico, frequentemente subordinadas a arcos narrativos românticos.

Já em *O Diabo Veste Prada* (The Devil Wears Prada, 2006), dirigido por David Frankel e roteirizado por Aline Brosh McKenna a partir do romance homônimo de Lauren Weisberger (2003), observa-se uma abordagem contemporânea das relações de poder no universo editorial da moda. A trama acompanha Andrea Sachs (Anne Hathaway), uma jornalista recém-formada que, mesmo sem interesse por moda, é

contratada como assistente pessoal da poderosa editora Miranda Priestly (Meryl Streep), da revista Runway.

Miranda é retratada como uma chefe perfeccionista, exigente e implacável, rotulada como tirana. Por outro lado, Andrea com seu estilo despojado confronta-se com um ambiente marcado por aparências e hierarquias. Ao longo da narrativa, Andrea adapta-se ao novo contexto e ascende profissionalmente, até que, durante uma viagem de trabalho à Paris, depara-se com dilemas éticos e pessoais. A revelação de que Miranda articulou a própria permanência no cargo, apesar das tentativas de substituí-la, e a percepção de Andrea de que está se tornando semelhante à chefe, provocam uma crise. Ela decide abandonar a carreira promissora e retornar a Nova York, reavaliando suas prioridades profissionais e afetivas.

Por fim, o longa *Nos Bastidores da Notícia* (Broadcast News, 1987), dirigido e roteirizado por James L. Brooks, oferece um retrato multifacetado da rotina de uma redação televisiva, abordando os dilemas éticos do jornalismo e os conflitos para ascender profissionalmente. A narrativa acompanha três personagens centrais: Tom Grunick (William Hurt), um âncora carismático e popular, porém com pouca formação jornalística; Jane Craig (Holly Hunter), produtora competente, crítica e idealista; e Aaron Altman (Albert Brooks), repórter inteligente e apaixonado por Jane.

Ambientado em Washington, o enredo se desenvolve em meio a transformações internas na emissora, com Jane tentando manter padrões éticos e de qualidade, mesmo diante da ascensão de Tom, que representa a superficialidade e o apelo emocional do jornalismo televisivo. A trama se intensifica com a tensão romântica entre os personagens, especialmente quando Jane descobre que Tom encenou um choro durante uma reportagem, manipulando a audiência. Diante desse episódio de má conduta ética, Jane recusa-se a embarcar em um relacionamento com ele e reafirma seu compromisso com a integridade jornalística.

Um dos padrões identificados é a caracterização de mulheres em posições de poder através de atributos tradicionalmente masculinos. Miranda e Charity são descritas como rígidas, determinadas e implacáveis - características que, quando exercidas por homens, são interpretadas como sinais de liderança eficaz. Entretanto, quando essas mesmas características são exercidas por mulheres, elas são frequentemente interpretadas de forma pejorativa. Esta diferença na interpretação de comportamentos

similares evidencia como as expectativas de gênero influenciam a percepção social da liderança feminina.

Outro padrão recorrente é o contraste entre relacionamentos amorosos e trabalho. O arco romântico das personagens parece receber mais destaque e desenvolvimento ao longo da narrativa. Assim, as personagens acabam sendo reduzidas à sua dimensão romântica, como se estivessem destinadas exclusivamente a esse tipo de envolvimento.

O fenômeno da masculinização da liderança feminina sugere que não existe um modelo próprio de liderança feminina, mulheres em posições de poder são avaliadas segundo padrões masculinos, sendo criticadas tanto quando os adotam, quanto quando não os adotam.

Diferentemente dos outros filmes analisados, *Nos Bastidores da Notícia* apresenta uma protagonista feminina cuja trajetória não é definida por um arco romântico, mas pela coerência entre seus princípios e suas escolhas profissionais. Essa distinção evidencia a complexidade das representações femininas no audiovisual e amplia o debate sobre ética e gênero no jornalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As representações de mulheres jornalistas em posições de liderança no cinema revelam padrões que refletem e reproduzem tensões sociais sobre gênero e poder. Os filmes analisados evidenciam como narrativas cinematográficas participam na construção de imaginários sobre liderança feminina.

A análise revela como características de liderança são interpretadas diferentemente quando exercidas por mulheres, frequentemente sendo reforçadas de forma pejorativa. A masculinização de líderes mulheres emerge como um padrão que demonstra a ausência de modelos próprios de autoridade feminina nas representações analisadas. A excepcionalidade da representação em *Nos Bastidores da Notícia*, confirma a dominância dos padrões identificados, demonstrando simultaneamente que representações alternativas são possíveis.

Os filmes analisados dialogam diretamente com dados reais e atuais sobre disparidade de gênero no mercado jornalístico, onde mulheres constituem 40% dos

profissionais, mas apenas 27% ocupam cargos de chefia. As representações analisadas contribuem para a naturalização dessas desigualdades.

Esta pesquisa contribui para os estudos de gênero e comunicação ao evidenciar como representações midiáticas participam na construção de imaginários sociais sobre liderança feminina. Estudos futuros poderiam expandir o debate sobre ética e gênero no jornalismo.

A compreensão destes padrões é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência crítica sobre como narrativas populares influenciam percepções sociais sobre gênero e poder, contribuindo para a construção de sociedades mais equitativas e representações mais diversificadas de mulheres em posições de liderança.

REFERÊNCIAS

ARGUEDAS, Amy; MUKHERJEE, Mitali; NIELSEN, Rasmus. **Women and Leadership in the News Media 2025: Evidence from 12 Markets**. Disponível em: https://mediatalks.uol.com.br/wp-content/uploads/2026/03/Ross_Arguedas_et_al-_Women_and_Leadership_2025_0.pdf. Acesso em: 5 jun. 2025.

BERGER, Christa (Org.). **O jornalismo no cinema**. Porto Alegre: Editora da Universidade – UFRGS, 2002.

ENAP. **Mulheres ocupam poucos cargos de comando no setor público**. Disponível em: <https://enap.gov.br/en/?view=article&id=3078:mulheres-ocupam-poucos-cargos-de-comando-no-setor-publico&catid=12>. Acesso em: 9 jun. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

HRYNIEWICZ, Lygia Gonçalves Costa; VIANNA, Maria Amorim. **Mulheres em posição de liderança: obstáculos e expectativas de gênero em cargos gerenciais**. Cadernos EBAPE. BR, v. 16, p. 331-344, 2018.

IBGE EDUCA. **Quantidade de homens e mulheres**. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html>. Acesso em: 9 jun 2025.

LEITE, A. T. B. **Editoras, repórteres, assessoras e freelancers: diferenças entre as mulheres no jornalismo**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 44–68, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/3810>. Acesso em: 12 jun. 2025.

LOMBARDI, Maria Rosa. **Mulheres em carreiras de prestígio: conquistas e desafios à feminização**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.47, n.163, p. 10 - 14, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/4421>. Acesso em: 9 jun. 2025.

MOURÃO, Tânia M. Fontenele. **Mulheres no topo de carreira**. Brasília: Secretária Especial, 2006.

OLIVEIRA, Paula Graziela; NOGUEIRA, Dayane; REIS, Talita Martins. **Jornalismo no Cinema: uma representação do fazer e ser jornalista**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0803-1.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2025.

TRAVANCAS, Isabel. **Jornalista como personagem no cinema**. Disponível em: <https://www.academia.edu/download/36494478/np2travancas.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

VIANA, Priscylla Kethellen. **A mulher no cinema e na mídia: objetificação, poder e violência**. Disponível em: https://orson.ufpel.edu.br/content/11/artigos/o_processo/01_priscylla.pdf. Acesso em: 5 jun. 2025.